



**DIVIRTA-SE
NAS FÉRIAS**

O DISTRITO FEDERAL POSSUI 37 MUSEUS, A MAIORIA DESCONHECIDA DOS BRASILIENSES. CADA UM DELES É UMA BOA OPÇÃO DE DIVERTIMENTO E APRENDIZADO PARA PAIS E FILHOS

TESOUROS DE BRASÍLIA

KÁTIA MARSICANO
DA EQUIPE DO CORREIO

Elas são 37. Mais até do que muita gente imagina. Para uma cidade de apenas 44 anos, ter quase quarenta museus pode até surpreender. O fato é que, além dos mais famosos, como o Memorial JK, o Museu Histórico de Brasília, o Museu Vivo da Me-

mória Candanga, o do Banco Central, o da Câmara, o do Senado Federal e alguns outros, Brasília é uma privilegiada guardiã de tesouros ainda pouco explorados por quem mora aqui. E melhor: não é preciso pagar nada para visitá-los.

A falta de curiosidade, tempo ou simplesmente hábito de frequentar museus desanimam o brasiliense de vasculhar, investigar, correr atrás, pergun-

tar, pesquisar e, por conta disso, deixa de viver ricos momentos bem pertinho do passado do Brasil, do mundo e, sem exagero, da humanidade. Poucos sabem, por exemplo, que está aqui um exemplar de pedra com 3 bilhões de anos — a mais antiga do planeta, encontrada no Canadá.

Que tal levar as crianças para ver de perto um equipamento de telex, uma

vitrola a pilha e uma inacreditavelmente conservada maquininha de costura, fabricada no tempo da bisavó? Tudo encontrado no lixo. Ainda tem o baú usado pelos integrantes da Missão Cruls, que explorou o Planalto Central em 1892. Mas, esse, claro, não foi encontrado no lixo. Está muito bem guardado em redoma de vidro, no Instituto Histórico e Geográfico do DF.

Sabia que está em Brasília a Cápsula do Tempo e que só existe outra igual em todo o mundo e está em Washington? O Museu da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), na W3 Norte, foi o local escolhido para protegê-la até 2052, quando ela será aberta e as informações sobre saúde pública acumuladas durante 50 anos serão comparados.

Curiosidades do lixo

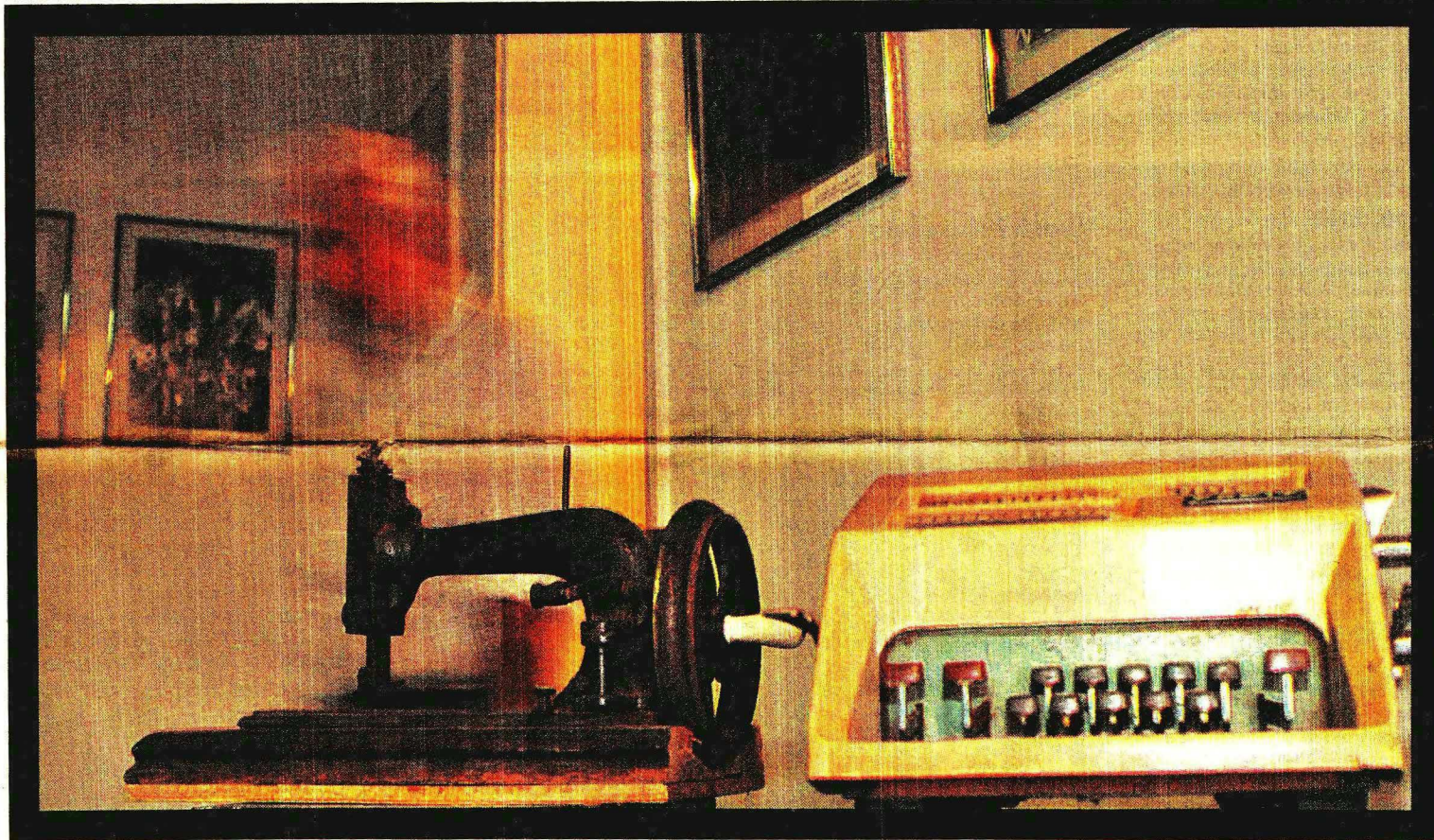
Se você é daquelas pessoas que jamais imaginou sair de casa para ver lixo, é bom repensar sua opinião, caso contrário correrá o risco de perder a oportunidade de fazer uma divertida viagem pelo tempo. As centenas de peças encontradas por garis do antigo Serviço de Limpeza Urbana (SLU), em suas perambulações rotineiras à cata do que ninguém mais quer, revelam antigos hábitos, recursos tecnológicos e até segredos, como o do(a) apaixonado(a) que gravou na madeira "eu te amo" e depois, provavelmente decepcionado(a), resolveu investir numa catarse sentimental, jogando a peça fora.

O Museu da Limpeza Urbana da Belacap foi inaugurado em 1996. Da lista de relíquias que podem espantar os mais jovens, o extinto aparelho de telex, a vitrolinha de pilha, o disco de vinil gravado pela falecida Clara Nunes em 1978, a tevê p&b com gabinete de madeira, a máquina de costura portátil do início do século passado, sem contar a foto das vencedoras do concurso de Miss Brasília 1977 e as imagens antigas de Santo Expedito, Nossa Senhora Aparecida e Frei Damião, dividindo o espaço do sincretismo religioso com simpáticos pretos-velhos.

Onde fica

QNP 28 de Ceilândia, Usina de Lixo, Área Especial (atrás da Escola Classe 50). É preciso agendar a visita pelo telefone 321-0107

Fotos: Daniel Ferreira 07.07.2004



Paulo de Araújo 23.6.01



Sob o céu do Planalto

Para se estar mais perto do passado nem sempre é necessário entrar em um prédio, com paredes e teto convencionais. Planaltina prova isso. Se Brasília representa arrojo e modernidade, a pequena cidade a 38 km do centro da capital acomoda casarões do século XVIII, testemunhas da Missão Cruls.

A antiga vila goiana de Mestre D'Armas é um museu vivo e sem redomas que tem apenas o céu do Planalto Central como proteção para grandiosas peças, como a igreja de São Sebastião, de 1870, e a casa da família Guimarães, onde hoje funciona o Museu Histórico e Artístico de Planaltina.

Outra das relíquias mais importantes, também apenas sob a proteção do céu, fica bem no topo do Morro do Centenário. São 33 pedras de concreto que representam os 33 anos de República no Brasil e mereceram a vinda de um cerimonioso cortejo de 15 caminhões do Rio de Janeiro a Planaltina, escoltando o então presidente Epitácio Pessoa, para a inauguração. É o marco da construção da nova capital e está no centro geográfico da América do Sul.

Conheça

Museu Histórico e Artístico de Planaltina, Praça Salviano Guimarães, 24 - Setor Tradicional. Telefone: 389-2243, ramal 142

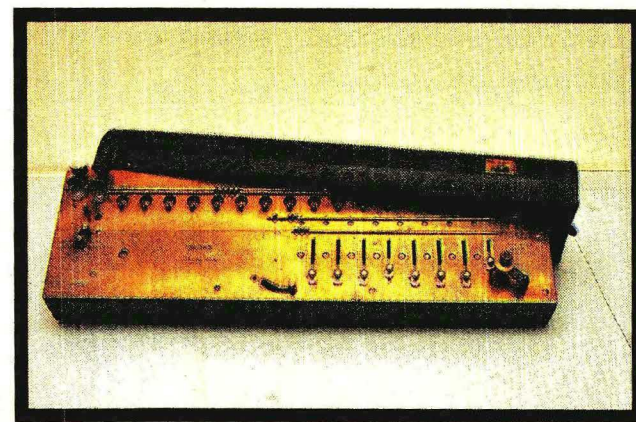
Guardião da Cápsula do Tempo

O Museu da Funasa é uma das melhores surpresas entre os museus de Brasília. Frequentado por estudantes, representa mais que a memória da saúde pública brasileira. É um bom lugar para se conhecer, por exemplo, a calculadora suíça que faz cálculos estatísticos, fabricada em 1913, e o relógio de ponto da década de 40, que controlava o horário dos funcionários e decorava a sala do chefe. Aliás, esse é outro belo detalhe a ser observado: todos os móveis são antigos, assim como os apetrechos de escritório, como penas, mata-borrões, agendas e curiosíssimos furadores de papel.

O Museu da Funasa foi eleito o guardião da Cápsula do Tempo, uma grande urna lacrada, há dois anos, no aniversário de cem anos da Organização Pan-Americana de Saúde (OPS). Nela estão guardadas informações epidemiológicas do Brasil. A urna foi fechada em 2002 e só será aberta em 2052.

Onde fica

SEPN 510, bloco A. Aberto de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h. Telefone: 273-7840



Detalhes da história candanga

O Jeep de Juscelino Kubitschek, o primeiro veículo de quatro rodas a circular na terra vermelha do cerrado, pode ser visto entre as relíquias do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do DF. Fundado em 1964, o instituto preserva a primeira estação de rádio usada em Brasília; a cadeira onde se sentou JK durante a primeira missa oficial, antes da inauguração da cidade, em 1957; e a primeira máquina de escrever Remington Rand, fabricada no Brasil, há quase 50 anos — uma curiosidade para a meninada de hoje que só conhece o computador.

Raridade mesmo é a peça mais antiga do museu: um baú de madeira que pertenceu à Comissão Exploradora do Planalto Central, a Missão Cruls. A grande caixa foi uma das 206 usadas para transportar mantimentos, barracas, equipamentos científicos e tudo o que fosse necessário em uma viagem de 4 mil quilômetros.

Paulo de Araújo 09.07.2004



Onde fica

EPS 703/903. Aberto de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h. Informações: 226 7753

Pedra de quase 4 bilhões de anos

Coisa que criança gosta é de fazer pergunta. Por que isso, por que aquilo e quase nunca se conforma com a resposta. Dentro do Museu de Geociências da Universidade de Brasília, então, aí é que "a coisa pega". E não é para menos, conta a estudante Moema Guimarães, escolada na arte de traduzir para a linguagem infantil palavras como caulim, gipsita, calcita e coisas piores como estromatólitos. "Melhor associar a palavra com o uso que ela tem", explica. O mineral talco serve para fazer talco. Mica serve para fazer purpura. Caulim entra na fabricação do papel. Fluorita tem no flúor da pasta de dente. E amianto, além de telhas, é usado para fazer roupa de bombeiro, porque garante resistência ao fogo.

Que tal conhecer a rocha mais antiga do mundo? É um gnaíse tonalítico, que veio da região de Acasta River, no Canadá, e tem 3,962 bilhões de anos. A pequena rocha é considerada tão valiosa quanto o grande meteoro de 279 quilos — a pedra que caiu do céu —, encontrado em 1971, em Sanclerlândia (GO).

Onde fica

Campus Universitário, ICC Centro, Sala AT-379. Aberto de segunda a sexta das 9h às 17h (fecha para almoço). Telefone: 273-4735

